

O time de  
OPINIÃO  
está na  
página 4



Geraldo Siqueira



Altino Dantas



Olívio Dutra

# EM TEMPO:

SEMANÁRIO NACIONAL - ANO II - N.º 74 - Cr\$ 20,00 - 26 DE JULHO A 1.º DE AGOSTO DE 1979

Inquérito policial sobre o terror em Minas.  
Ex-chefe da repressão revela os nomes  
de membros do "Comando de Caça aos Comunistas".

## Ex-agente entrega terroristas do CCC

Aberto o inquérito policial para averiguar quem são os responsáveis pelo atentado praticado contra a sucursal do EM TEMPO em Belo Horizonte, nós fomos procurar Nelson Sarmiento, ex-chefe do CENIMAR (Centro de Informações da Marinha) em Minas Gerais. Sarmiento é um nazista confesso que foi citado em dois listões de torturadores, publicados por este semanário.

Nas duas ocasiões, ele nos procurou e deu sua versão dos fatos, negando que tivesse alguma vez torturado presos políticos. O EM TEMPO publicou, nas duas vezes, as versões de Sarmiento. Dessa vez, o ex-chefe do CENIMAR resolveu depor no inquérito sobre o atentado sofrido por este jornal. E abriu o jogo. Entregou quem são os chefes do C.C.C. em Minas.

A íntegra do depoimento de Sarmiento está na página 5.

Um dos elementos acusados por Nelson Sarmiento de fazer parte do C.C.C. é Afonso de Araújo Paulino, dono do "Jornal de Minas". Este elemento, no mês passado, foi denunciado pelo deputado federal (MDB-MG) Genival Tourinho como chefe da "Máfia Mineira". Ligado no início dos anos 70 a ID-4 e ao DOI-CODI-BH, Afonso Paulino, além de constar como torturador em várias denúncias, está sendo processado por extorção na 9.ª Vara Criminal do Rio de Janeiro.

Seu julgamento deverá ser realizado nas próximas semanas. Ainda na última quarta-feira, um pistoleiro, de apelido "Alfredão", que estava sob suas ordens no Vale do Jequitinhonha e que deixou a Penitenciária de Neves sob a "responsabilidade de Paulino", apesar de na época estar cumprindo pena superior a 70 anos de reclusão, retornou ao presídio.

O discurso-denúncia feito por Genival Tourinho está repleto de provas.

O discurso e as provas estão na página 7.

Ainda sobre o inquérito policial, nosso repórter ouviu um perito policial que fez a "perícia da perícia", qualificando a intervenção da polícia em nossa sucursal de Belo Horizonte, após o atentado, como "flagrantemente ilegal".

Walmer Caxeta, o perito, revelou ainda porque faz parte da "lista negra" da administração policial e as razões dos processos que está movendo contra a polícia mineira. As revelações de Caxeta estão na página 6.

Nesta edição, de 14 páginas, a 5, 6 e 7 tratam dos depoimentos de Nelson Sarmiento e Walmer Caxeta e do discurso do deputado Genival Tourinho, denunciando Afonso Araújo Paulino.

## Código do trabalho

A íntegra da proposta dos dirigentes sindicais. E as opiniões sobre o anteprojeto de CLT do governo: "Pode jogar na lata do lixo".

Página 8 e 9

**inédito**

## Uma novela de Hugo Blanco

O ex-guerrilheiro e deputado da Constituinte peruana (o mais votado da esquerda), Hugo Blanco, foi preso em 1963 e condenado a morte. Depois, teve sua pena comutada. E passou sete anos na cadeia. Foi quando escreveu a novela "O Mestre", que publicamos na pág. 11

## Greve de fome

Presos políticos do Rio põem a vida em risco por uma Anistia Ampla, Geral e Irrestrita.

Página 12

debate:

CUBA

26 de julho



Duas décadas de um  
socialismo diferente

Página 12

## Nicarágua

O que é que vai  
dar na cabeça?

Página 13

## E mais:

Um encontro semelhante ao de São Bernardo, reunindo lideranças sindicais, políticos do MDB e intelectuais na Vila Bethânia, em Porto Alegre. (Pág. 12)

E a cobertura sindical-operária-popular, na página 10







## altino dantas junior

### O projeto da anistia já é conquista da oposição democrática

É interessante se destacar em primeiro lugar, quanto ao projeto de anistia do governo, que a pressão do movimento democrático, a luta do povo brasileiro conseguiu com que este governo apresentasse um projeto. Isto é um fato extremamente importante. Este mesmo ditador Figueiredo fazia no ano passado declarações de que ele, quando muito, aceitaria as revisões de processo. Bem, a pressão da opinião pública, a luta dos democratas, dos trabalhadores, dos estudantes etc., de todos estes setores vivos da sociedade brasileira, obrigaram a que ele apresentasse um projeto.

É bom, contudo, destacar que embora ele seja força para avançar e apresentar um projeto, no entanto este projeto dá ainda a medida da força que o arbítrio ainda tem neste país. É um projeto ao qual podemos dar uma infinidade de adjetivos: mesquinho, incongruente, incoerente, enfim, um projeto que não atende de forma alguma os anseios do povo brasileiro.

#### Que tática usar?

Portanto é um projeto diante do qual estamos contra e achamos por decorrência que todas as forças democráticas devem unir esforços para que o Congresso Nacional o rejeite. Devemos tentar corrigir os erros deste projeto.

Hoje, se trava uma discussão muito importante sobre a tática que o Congresso deve ter em relação ao projeto do governo. Eu acho que a discussão foi posta prematuramente porque a tática vai depender das forças que derem sustentação ao Congresso. Eu, pessoalmente não me posicionaria neste momento por um ante-proje-

to, porque julgo ser um enfrentamento que as forças populares não têm condição de fazer passar no Congresso. Temos que somar esforços na denúncia deste projeto, isto é decisivo.

Se a tática será por emendas ou por um substitutivo, esta definição vai depender do desenvolvimento desta luta. E isto as forças parlamentares definirão no momento adequado.

O fundamental hoje é que a luta seja levada a nível das massas. É a pressão do movimento popular, das massas organizadas, que fará com que este projeto se amplie ou seja substituído.

A acusação de terroristas nós a devolvemos ao governo. Em um determinado momento da vida nacional optamos pela luta armada. Eu particularmente tenho uma visão auto-crítica deste período, mas não é o caso de discuti-la aqui agora. Assumimos historicamente a opção e solução de luta armada que adotamos em um determinado momento da história deste país. Um momento em que se torturava, se matava e se impedia todos os caminhos de participação política.

É importante não se esquecer que muito antes de qualquer ação armada já se matava e torturava neste país. Lembremos aqui os nomes do sargento Manoel Soares, o estudante Edson Luis etc., que há muito já mostravam o clima de terrorismo que este regime impunha ao país e que vai atingir seu clímax em 68 com o AI-5.

Altino Dantas Junior, ex-dirigente da UNE é preso político em São Paulo, estando condenado a 93 anos de prisão



## geraldinho siqueira filho

### Um partido popular em defesa dos explorados

A ditadura continua garantindo suas camisas de força embora tenha afrouxado suas amarras. A bandeira da livre organização partidária deve aparecer com clareza e muito firme neste momento em que o surgimento de novos partidos pode enevoar os olhos de alguns.

Para responder ao momento de rearticulação partidária, várias tentativas de articulação vêm sendo feitas. Para nós, a principal delas e que merece destaque é a do Partido dos Trabalhadores. O PT, além de envolver lideranças dos movimentos grevistas e do chamado sindicalismo autêntico, tem sua maior qualidade ao colocar em discussão, junto aos trabalhadores, a necessidade da organização política, livre de qualquer tutela.

Por isto julgamos o PT como um dos referenciais mais significativos para nossa proposta de partido.

Enquanto deputados populares que colocam seus mandatos a serviço dos interesses e da organização popular, temos que buscar nossa força na capacidade de mobilização daqueles movimentos que hoje estão fora do MDB. Por isto acreditamos que nosso ponto de partida não deva ser o quadro institucional parlamentar ora vigente. O nosso trabalho deve visar fazer com que o choque dos governantes se dê, não com meia dúzia de deputados encerrados nas casas de leis, mas com uma representação política calcada no movimento vivo. Esta representação política é o partido popular que deve mobilizar e agir respaldando os deputados, seu braço parlamentar, mas não se limitando a esta atuação.

#### Um partido de frente

Por isso defendemos hoje um partido de frente que tem seu embrião na articulação política dos deputados populares com as lideranças expressivas e representativas do movimento.

Este partido deve responder às principais necessidades que o movimento coloca e que o MDB não responde:

- Deve ser a representação política de um movimento amplo pelo fim do regime militar.
- Deve ter sua expressão parlamentar mas sua atuação está principalmente voltada para fora do parlamento.
- Deve cumprir o papel de unificar politicamente os setores que representa em torno das lutas e questões centrais colocadas pela conjuntura.
- Deve construir a unificação política de suas bases de apoio.

Neste partido devem estar todos os que lutam intransigentemente pela derrubada da ditadura e pretendam impor ao seu fim a alternativa que sirva às classes exploradas. Suas bandeiras de luta devem ter o conteúdo que sirva melhor aos trabalhadores e ao povo.

#### Não basta liberdades democráticas

Para enfrentar o embate político com a ditadura o programa do partido popular deve aprofundar a plataforma de luta pelas liberdades democráticas. Desde já defendemos: liberdade de organização e expressão, liberdade de organização partidária, liberdade sindical, pela criação da CUT e reconhecimento da UNE, pela participação popular direta em todas as decisões, por uma Assembleia Nacional Constituinte livre e democrática.

Mas temos claro que não basta arrolar as principais bandeiras desta plataforma. Para que o programa do partido responda à luta política temos que definir os contornos de uma alternativa popular à ditadura.

Para que este partido cumpra com seu principal objetivo que é sua sedimentação junto às bases populares

e operárias é fundamental que, seu programa, além das bandeiras de luta pelas liberdades democráticas tenha bandeiras e propostas calcadas nas reivindicações econômicas e sociais do movimento operário popular.

Para tanto sua plataforma de lutas por melhores condições de vida e trabalho deve avançar nas definições das lutas contra o arrocho salarial, contra a carestia, pela posse da terra, por melhores condições de moradia e saúde para o povo, por serviços públicos e gratuitos para todos.

Mas só isso não basta. O programa de um partido deve hoje responder às grandes questões nacionais tornando claro o que interessa para o movimento operário popular. Quando temos um projeto de nova CLT o central para o partido popular deve se colocar a questão do desmantelamento das entidades sindicais do Ministério do Trabalho e não mudar esta ou aquela alínea da lei.

Quando a anistia é discutida no Congresso não deve bastar melhorar o projeto restritivo, mas colocar a questão da anistia ampla, geral e irrestrita, do fim das prisões e perseguições políticas, do desmantelamento do aparelho repressivo, da punição dos torturadores, e ao serviço que este projeto mesquinho está prestando para consolidar o projeto de reforma da ditadura, mudando a fachada para manter o regime militar no poder.

Quando a ditadura propõe a "economia de guerra" o partido popular não deve se perder em discussões sobre se queremos álcool ou petróleo, mas sim colocar a ditadura como a responsável pela situação de falência econômica em que o país se encontra. Deve desmascarar a "economia de guerra" como forma de acobertar os verdadeiros culpados, de dividir com o povo somente os prejuízos de um sistema econômico imposto e assegurar que o grande capital monopolista continue lucrando e acumulando para seu único e exclusivo benefício. Através desta política econômica da qual a "economia de guerra" é apenas uma proposta, a ditadura pode lançar o apelo da salvação nacional tentando também com isto reconquistar respaldo político junto à sociedade de vir, logo adiante, usar este mesmo apelo para reprimir e ignorar as lutas de amplos setores da população por melhores salários.

#### Qual é nossa alternativa de poder?

É fundamental também que no momento em que a própria ditadura tenta mudar sua fachada apresentando um novo modelo de dominação, que o programa deste partido de frente aponte para toda a opinião pública qual é a nossa alternativa a este regime e qual a sociedade que almejamos construir.

Não tínhamos a pretensão e nem poderíamos apresentar aqui um programa pronto. Apontamos os grandes rumos — o programa do partido popular deve surgir das discussões dentro do movimento operário popular e entre as várias correntes políticas que nele estarão.

Nós, enquanto corrente política, vamos defender como horizonte político de nossa luta a construção de uma sociedade socialista e a conquista do governo que possa levar ao fim e ao cabo esta tarefa, um governo sob a hegemonia dos trabalhadores, o governo dos trabalhadores.

A semente foi lançada. O que se trata agora é de botar com toda força esta discussão na rua e trabalhar para que surja dela a representação política que venha a servir para o avanço do movimento.

Geraldo Siqueira Filho é deputado estadual pelo MDB paulista



## olívio dutra

### Desatrear os sindicatos dos interesses da burguesia

Luiz Werneck Vianna tem razão quando afirma que "a única forma de a classe operária impor um sindicalismo democrático é se organizando nas fábricas". A organização por local de trabalho combinada com a atuação nos sindicatos além de enraizá-los na situação concreta dos trabalhadores transforma-os em organismos realmente democráticos e representativos dos legítimos interesses de suas bases.

Os trabalhadores ao transformar o Sindicato, na prática, em organismo democrático para organização de suas lutas, estarão, também, criando condições para que, no plano político institucional, a estrutura jurídica, que atrela suas entidades aos interesses da burguesia que domina o aparelho do estado se desintegre. A luta pela construção do sindicalismo pela base, no entanto, pode e deve se dar conjugada com a luta pela revogação imediata da estrutura sindical corporativa para que a desintegração se dê no tempo e na forma correspondente aos interesses dos trabalhadores possibilitando, inclusive, a sua substituição pelo Código de Trabalho. Conquistar a liberdade e autonomia dos sindicatos é conquistar também a forma de garanti-las. Um código de trabalho que substitua o emaranhado de leis, decretos-leis e portarias que formam a CLT e construído a partir das experiências objetivas de ontem e de hoje da classe trabalhadora, será a forma de, na prática, garantir os princípios liberdade e autonomia sindicais, direito de greve, garantia no emprego, salário mínimo real e unificado a Convenção Coletiva de Trabalho.

#### A questão da estabilidade

O código de trabalho, garantindo os direitos básicos e fundamentais para todos os trabalhadores brasileiros (jornada de trabalho, férias, descanso semanal, salário mínimo real e unificado, 13º salário, aposentadoria digna, etc.), impedirá a super-exploração da mão-de-obra nas regiões em que o grau de organização dos que trabalham ainda é pequeno. E por estabelecer apenas o básico, sem entrar em detalhes e particularidades específicas de cada categoria em cada região, sobre o código estarão as Convenções Coletivas de Trabalho, criando novos direitos, fazendo com que as relações de trabalho avancem com o mesmo dinamismo da realidade social. A Central Única de Trabalhadores atuará no sentido de homogeneizar, a nível nacional, todas as conquistas obtidas por esta ou aquela categoria nas negociações diretas concretizadas nas Convenções Coletivas.

Quanto à estabilidade realmente não podemos esperar que ela seja uma concessão do capitalismo brasilei-

ro. Terá de ser uma conquista dos trabalhadores. Seria interessante analisar a estabilidade no emprego existente no Japão. Lá o trabalhador, pelo que temos lido, está desde o dia em que ingressa na empresa e esse direito é transmitido aos seus descendentes por herança. Parece, portanto, que não é por aí que o capitalismo vai morrer ou deixar de "se reproduzir como tal". A Admissão e a Demissão de trabalhadores não podem ser decisões da exclusiva competência dos empregadores. O princípio geral, que proíbe essa exclusividade, deve estar firmado no Código de Trabalho e as regras deverão ser estabelecidas nas Convenções Coletivas de Trabalho.

#### Temas que acabar com o Imposto Sindical

Bater-se pela liberdade e autonomia sindicais significa bater-se, também, pela extinção do Imposto Sindical. O Imposto Sindical, hoje Contribuição Sindical, é a espinha dorsal da dominação do estado sobre as entidades sindicais. Agora, é claro, assim como a conquista dum sindicalismo democrático começa pelas organizações por locais de trabalho, a derrubada da contribuição sindical se inicia desde já com uma política dos sindicatos no sentido de tornar cada vez menor a participação dessa rubrica no total de suas receitas. Nas discussões de base e nas assembleias, é indispensável que essa questão seja colocada a fim de que sejam criadas formas alternativas de sustentação econômico-financeira dos sindicatos por deliberação dos próprios trabalhadores.

Na verdade muitas direções sindicais ainda querem se obrigar numa imposição do Estado para garantir a receita das entidades no temor de que, por vontade própria, o trabalhador não concorde, nas assembleias, com qualquer desconto para sustentação material dos sindicatos. É o velho vício da tutela. Alegam que, extinta a contribuição sindical, 90% dos sindicatos desaparecerá. Se isso realmente acontecesse tenho minhas dúvidas se isso poderia ser considerado um mal. Por outro lado, não acredito que o Estado, dominado por aqueles cujos interesses estariam em risco caso houvesse um sindicalismo vigoroso, auto-sustentado e independente, ao arrecadar a "contribuição" a repassaria integralmente para as entidades sindicais sem impor qualquer condição. A derrocada da atual estrutura sindical está intrinsecamente vinculada à auto-sustentação do sindicato, portanto, ao fim da "contribuição" sindical imposta pelo Estado.

Olívio Dutra é presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre



**Reaja junto conosco**

**Assine EM TEMPO:**

Nome \_\_\_\_\_ Profissão \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_ Bairro \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Desejo uma assinatura: Exterior

ANUAL Cr\$ 600,00  ANUAL US\$ 90,00   
 SEMESTRAL Cr\$ 350,00  SEMESTRAL US\$ 50,00

Cada assinatura ANUAL do EM TEMPO dá direito a uma coleção dos Cadernos do CET — Centro de Estudos do Trabalho. Desejo uma coleção dos Cadernos do CET

Rua Mateus Grou, 57 — Pinheiros — São Paulo — Fone: 853-6580  
 Rua Bernardo Guimarães, 1884 — Lourdes — Belo Horizonte — MG — CEP 30.000

**APROVEITE PROMOÇÃO ESPECIAL POR POUCOS DIAS**



## Bônus contra o terrorismo

Compre este bônus e receba dividendos na forma da sobrevivência do EM TEMPO no firme combate pelo desmantelamento do aparato repressivo da ditadura.

O último atentado nos causou prejuízos da ordem de Cr\$ 400.000,00. Remeta qualquer quantia, na forma de cheque nominal a: EDITORA APARTE S/A. para a mesma, R. Mateus Grou 57, Pinheiros, São Paulo.

**Ex-chefe da repressão denuncia terrorista do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) que praticaram atentado contra o jornal EM TEMPO. Perito policial abre o jogo e esclarece as irregularidades e ilegalidades praticadas pela própria polícia nas investigações dos últimos atentados. Um dos denunciados como membro-terrorista do CCC, Afonso Araujo Paulino, dono do JORNAL DE MINAS, foi também denunciado na Câmara dos Deputados, no dia 7 de junho deste ano, pelo deputado federal MDB-MG Genival Tourinho como "um homem desprovido de qualquer resquício de caráter", resp. onável por uma série de crimes, todos eles praticados sob a cobertura de suas funções policiais junto ao DOI-CODI-MG. Publicamos também o discurso de Genival Tourinho e o dossiê sobre os crimes do torturador Afonso Paulino. Tudo isso, nesta página e nas duas seguintes.**

# Eles são do CCC

Aberto oficialmente o inquérito para apurar quem são os responsáveis pelo atentado terrorista contra a sucursal do EM TEMPO em Belo Horizonte, procuramos o ex-chefe da repressão em Minas Gerais, o ex-agente do Cenimar (Centro de Informações da Marinha), militante anticomunista e nazista confesso, Nelson Galvão Sarmento. O atentado foi no último dia 8. O inquérito está correndo desde o dia 13. No dia 18 de julho, às 10 hs., Sarmento entrou no gabinete do delegado especial Pedro Barbosa e depôs até às 13:30 hs. A tarde ele apresentou ao nosso repórter o seguinte atestado: "Atesto que o senhor Nelson Galvão Sarmento esteve nesta delegacia durante a parte da manhã de hoje, prestando depoimento em inquérito policial instaurado de ordem do Senhor Secretário de Estado da Segurança Pública. A seguir, com exclusividade, o depoimento-bomba do ex-chefe da repressão Nelson Sarmento.



Sarmento, nazista confesso.

## Por que estes criminosos não são presos?

O coronel do Exército Octavio Aguiar de Medeiros, atual ministro-chefe do SNI, estava no comando do CPOR (atual NPOR) em Belo Horizonte, em 1968. No mês de abril estoura a greve da Contagem. O movimento estudantil estava nas ruas. O coronel instaura um IPM para apurar a "subversão". Em Minas Gerais, o DOPS, a G-2 (serviço secreto da Polícia Militar de MG, transformado em odioso aparelho repressor e de torturas) e o Cenimar, dirigido pelo agente Nelson Galvão Sarmento estavam na ativa. O Exército pretendia constituir seu próprio esquema de inteligência em Minas, assenhorar-se do comando central dos órgãos de informação e desativar o Cenimar.

também está para ser contada a organização do terrorismo que saiu dos porões de repressão da qual fez parte um jovem que hoje é "gente de sociedade" em Minas e que era conhecido como "bombardeio". 1969 é o ano do CCC em Minas. O tempo passou. As esquerdas mudaram muito. A repressão, de repente, preparada para o combate aos pequenos grupos armados, necessita reciclar suas formas e métodos de ação. Estão na moda a infiltração, o seguimento, a escuta telefônica e eletrônica, a ação política confusionalista. Mas estes métodos não dispensam jamais o terror. O braço clandestino, a mão terrorista fazem parte do organismo, e esta mão, em Minas, tem saído a campo para atacar entidades das oposições e para saquear, com o propósito de obter informações. MAC e GAC, siglas que aparecem pichadas nas paredes do EM TEMPO em julho de 1978, data do primeiro atentado, são legendas diversionistas do CCC, assim como o CCC é um eufemismo dos porões. No inquérito que corre desde a sexta-feira, 13 de julho deste ano, na Seccional Centro da Polícia Metropolitana, presidido pelo delegado especial Pedro Moreira Barbosa, para apurar os nomes dos quatro autores do atentado terrorista de 8 de julho contra o jornal, o repórter declarou duas coisas fundamentais.

Repórter do EM TEMPO declarou ao delegado: "Omissão caracteriza cumplicidade, acobertamento..."

## Quem é quem no terror em Minas

Seu nome: Nelson Galvão Sarmento. Funcionário público lotado na Corregedoria Administrativa do Estado de Minas Gerais. Profissional da repressão política, militante anticomunista, nazi-fascista confesso. Citado por presos políticos como torturador, por duas vezes o nome de Sarmento apareceu nos listões publicados pelo EM TEMPO. Por duas vezes também Sarmento encaminhou carta ao jornal reiterando a sua condição de agente anticomunista e nazi-fascista e negando qualquer envolvimento em práticas de torturas. O EM TEMPO publicou as cartas.

Agora Sarmento acusa: o CCC fez os atentados contra o EM TEMPO em Minas. Mais: ele começa a

Erwin Jansen, o pai, foi quem contou a Sarmento que Luis Alberto Jansen, o filho, é membro ativo do CCC em Minas.

dar os nomes dos militantes do CCC. A partir desta edição o EM TEMPO começa a publicar o quem é quem no terror em Minas. Sarmento acusa: Luis Alberto Jansen é militante do CCC em Minas e foi recrutado em 1969 pelo delegado Thacir Omar Meneses Sia, através do ex-inspetor do DOPS Frederico. O jornalista Afonso de Araujo Paulino, torturador, também é militante do CCC em Minas.

"Após abril de 1978, ocasião em que foram iniciados os atentados terroristas auto-responsabilizados pelo CCC, MAC e GAC, resolvi, após consultar meus antigos companheiros do BIP (Bureau de Informações Políticas), tomar as seguintes providências:

Em primeiro lugar, procurar os jornais de maior penetração nacional, a fim de deixar bem esclarecida a não participação dos antigos elementos anticomunistas (Frente Mineira Anticomunista e BIP) nos atuais organismos clandestinos, como o CCC, GAC e MAC. Foi procurado o Jornal do Brasil. Tal entrevista, inexplicavelmente, até hoje não saiu publicada. Motivo suposto: devido ao ataque direto que fiz ao poderio econômico e político que, através da CIA, apóia as organizações terroristas, clandestinas e subversivas, que atuam à moda da CIA, como é o caso do CCC, GAC e MAC.

Mais tarde fui procurado pela revista VEJA, tendo concedido idêntica entrevista ao repórter Lindemberg. Depois, nova entrevista foi concedida, dessa vez ao Estado de São Paulo, também não publicada.

Em segundo lugar resolvi mobilizar meu pessoal para realizar por conta própria as investigações. Pus

Sarmento deu entrevista ao "Jornal do Brasil", "VEJA" e "Estadão". Nenhuma foi publicada. Por quê?

30 elementos em campo, em Belo Horizonte, membros do "Grupo Sarmento", para investigar a origem e o pessoal participante dos atuais movimentos anticomunistas.

Coroado de êxito conseguiu detectar um dos elementos bastante credenciados do CCC em Belo Horizonte, partindo daí para a identificação dos demais componentes do grupo. Inclusive, no ano passado, estava esperando a abertura de inquérito sobre o atentado a bomba contra o EM TEMPO para revelar os nomes. Como no ano passado não saiu inquérito nenhum, então o "Grupo Sarmento" não pôde colaborar. Agora existe o inquérito.

A confissão feita a mim pelo engenheiro topógrafo Erwin Jansen a respeito do recrutamento e da participação ativa do seu filho Luis Alberto Jansen no CCC é a seguinte. Luis Alberto Jansen, técnico em eletrônica, formado pela Escola Técnica Federal de Belo Horizonte, foi recrutado para o CCC na própria escola por Thacir Omar Meneses Sia, que agiu através do ex-inspetor do DOPS de nome Frederico, em 1969, época em que eles participaram das atividades do DOI-CODI, das chamadas atividades auxiliares, conforme foi dito a mim por Erwin Jansen, na presença de testemunha.

O sr. Erwin disse que num confronto com subversivos em 1969, em Belo Horizonte, o Luis Alberto Jansen teria matado um dos subversivos. Nessa ocasião um colega e amigo íntimo de Luis Alberto, também militante do CCC, fôra baleado na coxa. O pai de Luis Alberto Jansen declarou que ele é um elemento radical, violento, e que possuía diversas armas em sua casa, e que disse ao pai, abertamente, que tinha a honra de pertencer ao Comando de Caça aos Comunistas.

Afonso Araujo Paulino, Sérgio Casadey Florencio, Paulo Guilherme Vaz de Melo (Paulo "Cicatriz"), Antonio Américo de Magalhães Góes — "todos eles rodaram a manivelinha, torturando..."

No mesmo depoimento fiz ver ao encarregado do inquérito que através de publicações e de denúncias feitas por torturados, diversos elementos alheios aos quadros oficiais das polícias civil e militar e às unidades militares participaram ativamente do processo de repressão e tortura em Minas Gerais. Entre eles: destacam-se o jornalista Afonso de Araujo Paulino, o joalheiro Sérgio Casadey Florencio, o advogado Paulo Guilherme Vaz de Melo (Paulo "Cicatriz") e o funcionário da Caixa Econômica Federal Antonio Américo de Magalhães Góes. Há testemunhas de que todos eles rodaram a manivelinha, torturando, e de que eram companheiros do tenente R-2 Del Menezzi, que hoje serve no SNI em Brasília, e do capitão Gomes Carneiro.

Por conseguinte o recrutamento e a participação de Luis Alberto Jansen é perfeitamente explicável. Não sei, com exceção de Afonso de Araujo Paulino, dentre os nomes citados acima, da participação dos demais no CCC, GAC e MAC.



"Pedro Ivo, Jesus, Schoubert e Cícero, comandados pelos majores João Teixeira Vicente e Rubens Ferreira (o chefe), especializaram-se na tortura em mulheres..."

capitães do Exército, notabilizaram-se como torturadores. Lacerda suicidou-se mais tarde. Pedro Ivo, Jesus, Schoubert e Cícero, capitães PM da G-2, comandados pelos majores João Teixeira Vicente e Rubens Ferreira (o chefe), especializaram-se na tortura em mulheres, sob o comando do tenente-coronel de Exército Waldir Teixeira Goes. Os tenentes Franklin (hoje no Exército), Praxedes, Machado, Pádua e Ribas, da PM, e os tenentes R-2 Del Menezzi, Marcelo Paixão e outros, tomaram parte nas torturas, agindo de maneira obsecada como jovens recrutas do organismo central de repressão, constituído em Minas após a desativação do Cenimar. Era o nascimento do DOI-CODI em Minas Gerais. Thacir Omar Meneses Sia e Davi Hazam, delegados todo-poderosos da polícia política (DOPS), tornaram-se intocáveis como delegados de Segurança Nacional.

Civis, alguns deles ex-fachinhos amarelos que se inscreveram espontaneamente para auxiliar o movimento de 64 no combate à "subversão", também entraram na roda, com livre acesso aos porões. Esta história ainda está para ser contada. Como

Figueiredo pronunciou-se sobre o atentado. Disse: "Esta (a repressão), quando necessária, deve processar-se com estrito respeito à lei". O homem do SNI recomenda aos porões: cautela porque os tempos são outros e vocês são necessários porque os tempos podem tornar a mudar. Mas Figueiredo, nas entrelinhas, acusou a repressão pelo ataque ao EM TEMPO "Esta (a repressão), quando necessária..." "Quer dizer, foi ela, a repressão. O DOI-CODI, que atacou o EM TEMPO.

## Torturadores de mulheres

Relação de várias presas políticas detidas em 1969, em Belo Horizonte, que revela os locais onde foram torturadas, as testemunhas e os nomes dos torturadores, comprovando, assim, as denúncias do ex-chefe da repressão em Minas, Nelson Sarmento, que apontou vários torturadores como "especializados em praticar sevícias em mulheres".

As presas citadas na relação: Gilse Maria Cozenza Avelar; Delcy Gonçalves de Paula; Marla do Rosário da Cunha Peixoto; Laudelina Maria Carneiro; Loreta Kiefer Valadares. Na mesma época, junho de 69, outras presas foram vistas em celas dos locais de tortura.

Locais de tortura: Colégio Militar de Belo Horizonte; Quartel da DI da PM MG; Dependência da G-2 (Atual PM-2) da PM MG (Prédio da Secretaria do Interior, Segurança e QG da PM MG); Penitenciária de Mulheres de BH; Quartel do 12.º RI.

Torturadores de mulheres: Ten. Waldir Teixeira Goes; capitães Joffre Lacerda (suicidou-se), Gomes

Carneiro, Sebastião G. Paixão, Portela, Tenente Marcelo Paixão. (Todos da Comissão de Inquérito P. Militar).

Da PM MG: Cel. Drumond e Cel. Hellos Pires de Carvalho (Cmdt. DI), Major João Teixeira Vicente e Major Rubens Ferreira (chefe da G-2). Capitães Pedro Ivo, Cícero, Jesus e Schoubert; tenentes: Franklin (hoje no Exército - 4.º BI-BH), Praxedes, Machado, Pádua e Ribas. Sargentos: Leo Machado, Costa e o cabo Matias Martins. Do DVS (Arual DOPS), investigador José Perpétuo de Rezende. Testemunhas: Dra. Nahyilda, Dr. Altomar, médicos da Penitenciária de Mulheres.









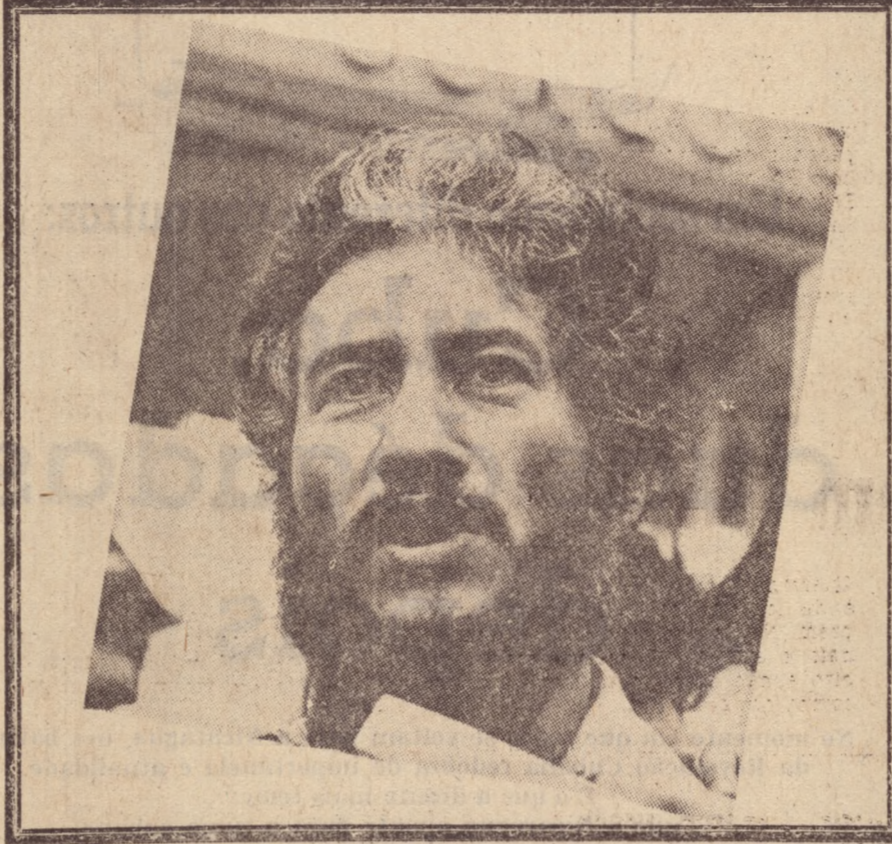




# "O MESTRE"

(Uma novela de Hugo Blanco)

O nome de Hugo Blanco sempre esteve ligado à história das lutas dos camponeses do Vale de Convención, perto de Cuzco (Peru). Nesta região predominavam formas de superexploração que logo despertavam o desejo de revolta. "Em Convención dava-se aos camponeses um pedaço de terra para que nele trabalhassem para si, em contrapartida tinham que trabalhar durante quatorze ou quinze dias, sem receber um centavo, para o proprietário". E a revolta começou em Chaupimayo, onde à frente do Sindicato, Hugo Blanco viveu uma experiência inédita de reforma agrária na América Latina: uma reforma feita pelos próprios camponeses. Frente à repressão furiosa e violenta, Hugo Blanco foi eleito pelos camponeses para a tarefa de organizar "comitês de defesa armada". A falta de uma maior organização, de uma unificação da luta dos camponeses de Convención com o conjunto dos trabalhadores peruanos, e a imensa unidade repressiva da classe dominante impôs o esmagamento do movimento. Preso em 63, Hugo Blanco foi condenado à morte, tendo sua pena posteriormente comutada para 25 anos de prisão. Foi na penitenciária de Fronton, onde esteve preso por 7 anos, até ser anistiado em 70 pelo governo de Velasco Alvarado, que Hugo Blanco escreveu a novela que aqui publicamos. Por ironia da história, a prisão deu condições a Hugo Blanco para dar mostras de talento literário justamente no momento em que o governo desenvolvia uma campanha tentando caracterizá-lo como líder fanático, assassino cruel e outras invenções do gênero.



A publicação de "O Maestro" é, assim, muito oportuna. Em primeiro lugar porque se dá no momento em que, com a visita de Hugo Blanco ao Brasil, temos oportunidade de conhecer a história da luta dos trabalhadores peruanos, que nunca foi contada em nosso país. E, também, quando sabemos que a condição dos camponeses de Convención tem se agravado, permanecendo atual a lição do velho mestre e principalmente a promessa de seu vibrante discípulo:

**Meus braços e minhas mãos serão seus para continuar a luta. Será como se você mudasse de poncho, tayta!"**

Chamá-vamos as folhas de mostarda cozidas de "navets hawch'a" (1). Gostávamos muito delas, embora evocassem a morte na sua causa mais difundida e mais silenciosa: a fome.

Quando vem, a fome devora os feijões, os milhos, as batatas, a fécula da batata doce: não deixa nada ao índio; nada, somente as folhas de mostarda, sem manteiga, sem cebola, sem alho, até mesmo sem sal.

Depois, depois dessas folhas, vem a morte: elas são seus "arautos verdes". A morte chega com seus diferentes pseudônimos em espanhol e quechua: tuberculose, anemia perniciososa, pneumonia, pulju (fonte), wayra (vento), layqa (bruxaria). Nós usamos estes pseudônimos, porque seu nome verdadeiro é uma palavra muito vulgar: A FOME.

Mas o "navets hawch'a" não vale nada, e é por isto que nós gostamos dela assim. Não digo que seja saborosa, não entendo dessas coisas; eu já me enganei com a fécula da batata doce, pois eu a achava muito saborosa, mas os entendidos afirmam que era insípida. E' por isto que digo apenas que gostamos muito dela, mesmo estando ligada à lembrança dos períodos famintos.

Períodos durante os quais, às vezes, os gringos (eles são tão gentis!) nos mandam, como esmola, milho com gorgulhos e "leite" em pó que vão para a paróquia, para a câmara ou para a prefeitura — e de lá vão alimentar os porcos dos proprietários de terra. Não peço que nos distribuam essa esmola, apenas exijo que nos devolvam o que é nosso para que não haja mais fome. Meu pri-

meiro irmão, Zenon Galdos, pediu que a distribuíssem: isto lhe custou caro. Pelo fato de ter exigido aquilo, o sr. Araújo, administrador de Huanquite, matou-o com uma bala. O sr. Araújo não foi preso, e de boa família.

Num domingo de mil novecentos e pouco, saboreando minha razão de "navets hawch'a", eu tagarelava com a camponesa que as vendia, assentada na lama do mercado de San Jerónimo, Cuzco.

Falávamos do assunto do dia: os tremores de terra. Ela me explicou sua origem: eles foram enviados como castigo porque os índios de ayllu (2) haviam se sublevado contra os padres dominicanos da fazenda de "Pat-a-Pata". Eis o que havia dito o Pároco na missa da manhã: "o demônio não morreu, ele está no Hospital de Cuzco". O Pároco não havia dito que o "demônio" devia morrer para que cessassem os tremores de terra, mas foi isso que a camponesa entendeu, por conta própria

### "E ele me contou coisas que eu já sabia"

— Ele vai morrer?  
— Certamente, que sim, dizem que ele está muito mal, é tudo, foi seu pecado...

Ela não queria tremores de terra, e muito menos queria ir para o inferno, e por isto que suas palavras condenavam o "demônio".

Mas seus olhos, sua voz, a lama na qual estava sentada, o "navets hawch'a", seu coração — tudo era feito de terra, da mesma terra do demônio que estava no hospital, de uma terra que gritava silenciosamente seu desejo desesperado de ver o demônio sobreviver.

E Lorenzo Chamorro sobreviveu... Sobreviveu pela metade, pois tornou-se inválido. O médico tinha lhe dito:

### "Meus braços e minhas mãos serão seus para continuar a luta. Será como se você mudasse de poncho, tayta!"

— Só um índio como você pode estar vivo com seis buracos nas tripas; o que mais surpreende é a bala que te atingiu na coluna vertebral.

Foi assim que eu o conheci muito tempo depois, já no seu canto: pus, sujeira, tamancos, um grande poncho, uma voz vibrante, olhos de fogo

Quando o olhei acreditei que ele provocasse sismos: meu sangue fervia, eu tremia todo quando me aproximava dele para ouvi-lo.  
— Tayta, fale-me. (3)

E ele me contou coisas que eu já sabia: que na fazenda de "Pat-a-Pata", os dominicanos continuavam a se apropriar de terras da comunidade, que a comunidade tinha títulos de propriedade, que a justiça nunca chegava, que os camponeses organizavam um sindicato, que ele era seu secretário geral, que tinham tentado lhe subornar, que ele não havia cedido, que o tinham ameaçado, que ele não tinha cedido, que quando estava prestes a trabalhar nas terras em litígio, o Pároco do Convento de Santo-Domingo e ca-

fiel; não viam que os p'tata kiskas (cactus) abriam seus braços ericados de espinhos, ameaçadoramente; eles não se defenderam do ódio das pedras, das pedras redondas; eles não compreenderam que, se a grande ferida vermelha da montanha-tomava cor humana, era de cólera, esta santa cólera de ver guardas onde não deveria haver senão homens.

### "O cérebro dos guardas se enevoou"

Logo, algumas pedras começaram a se mexer; não, não eram pedras, eram índios revoltados; como os índios de antigamente, como os índios de sempre, com as máscaras de sempre. As máscaras das tropas de Tupac Amaru, as tropas que lançavam o grito de rebelião: Warak'as! (4).

Mas, desta vez, os projéteis não eram os de sempre, não eram pedras índias... eram dinamite!

O cérebro dos guardas se enevoou; antes que se dessem conta do que se passava, os cavalos estavam sobre duas patas e eles de quatro, rolendo montanha-abaxio em meio a explosões, sem se preocupar com os ferozes braços dos p'tata kiskas que saem facilmente do corpo da planta, mas dificilmente do corpo do homem ou dos animais.

— Eles não voltaram mais. E' assim que se deve bater, aprenda, com a warak'a e a dinamite: com a destreza dos índios e a habilidade dos mestiços; devemos conhecer o que é nosso e o que é deles.

— Sim, Tayta... Devemos conhecer bem o que é nosso e o que é deles para melhor combatermos. E as lições continuavam.

— Toque minha cabeça aqui. O que há aí?

— Um buraco, tayta, não há outro, apenas um buraco.  
— Vou te explicar esse buraco: foi em Oropeza. Os índios, estavam em litígio com o proprietário de terras, ele havia encontrado compadres: quanto a nós, ficávamos aleitadas. Mas, certa vez, nós estávamos numa festa, quase embriagados: foi então que chegaram os cúmplices do proprietário, que queriam nos matar a golpes de pau.

### "Só a rebelião transforma o homem em homem"

As velhas batalhas, as de sempre, as de séculos, as da Terra inteira, de um lado os "comprades" do proprietário: mistura de bestas e riáquinas, como todos os que lutam a mando do chefe — sejam mercenários, marines yankees, rangers ou pelegos. E' a anti-humanidade que fere o homem. Uma máquina bestializada que não pensa. Há um irmão trançado lá dentro, mas, enquanto ele não se revela, é apenas isto: máquina e besta, fabricados para ferir o homem.

Do outro lado, "os índios": representantes do homem em geral, "selvagens" humanizados, porque

hoje só a rebelião transforma o homem em homem. "Os índios", lutando pelo homem, pela terra; por sua terra e pela terra de todos os homens.

— Eles chegaram subitamente. Um deles me atacou e abriu minha cabeça a golpes de pau; eu caí, mas consegui me levantar para lhe enfiar um cutelo nas costas antes de cair novamente. Depois, não sei bem quanto tempo depois, comeci a ouvir ao longe o soar dos sinos. "Que se passa? eu disse comigo mesmo; por quem soam eles, por mim ou pelo cachorro do gamonal?" (5). Depois eu me mexi um pouco, me senti bem e me dei conta que estava vivo. Tranquillei-me: era pelo "compadre do gamonal" que os sinos tocavam. Assim, mesmo se eles te caçam a cabeça, se você conseguir continuar lutando, você resuscita.

— Sim, Tayta.  
— Com processos, nós os índios não ganhamos nunca; é necessário que seja assim, lutando. Os juizes, os guardas, todas as autoridades estão com os ricos: para o índio, não há justiça. E' preciso que seja assim, lutando.

### "Sim tayta! Você continua a lutar"

— Sim, Tayta. Só assim, lutando.

— Ele me contou muitas outras coisas, contou, por exemplo, como ele não quebrou nenhum osso quando saltou de um trem em movimento que o levava preso.

— Você conta aos professores o que eu te disse?

— Para alguns apenas, Tayta.

— E o que dizem eles?

— Uns me dizem: "E' assim mesmo", eles gostam de você, Tayta; outros me dizem: "São idéias estranhas".

— O que é isso?  
— Eu não sei, Tayta.

— Mas, algumas vezes, ele explodia.  
— Com os diabos! Eu não posso mais lutar! Estas malditas pernas não podem me levar mais à montanha! Minhas mãos não servem mais para nada. Eu não valho nada. Eu não posso mais lutar, ao diabo!

— Sim, Tayta! Você continua a lutar! Você não é velho, Tayta; suas mãos, seus pés, apenas, é que são velhos. Com minhas pernas, você irá voltar para junto de nossos irmãos, Tayta; com minhas pernas, você lutará. Tayta: é como se você mudasse de poncho, nada mais. Meus braços, minhas pernas, serão seus para continuar a luta. Será como se você mudasse de poncho, Tayta! !

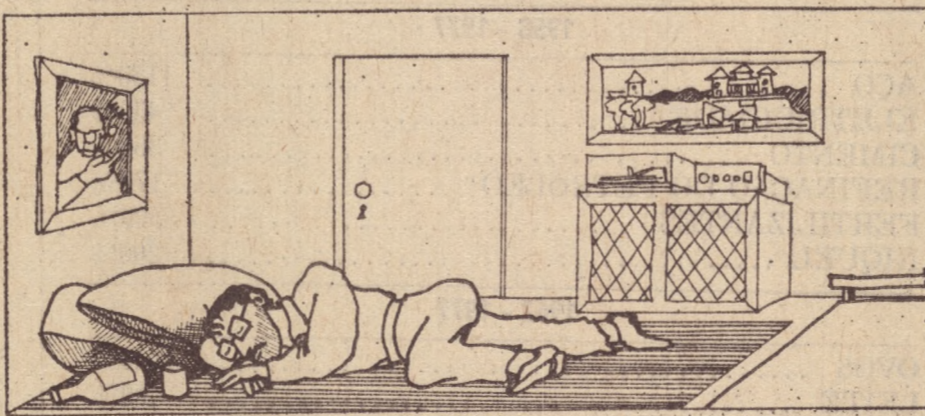
- 1) Hawch'a: cruel, impiedoso, inhumano (em quechua) — 2) Cidade indígena — 3) Tratamento respeitoso em quechua; pode significar "pai, avô, senhor" — 4) Warak's: Frons — 5) Gamonal: Proprietário de Terras ("Coronel").

# 1979 O ANO DO CONTRA-ATAQUE!



## Quadrinho de briga

Vem aí um quadrinho novo. De deixar a gente "meio sem pai e sem mãe", como diz o Nilson, que também é mineiro e acompanhou o tempo todo o trabalho, tantas vezes retrabalhado do LOR — O LOR DO HUMORDAZ, o Luiz Oswaldo Rodrigues. Um quadrinho de briga. Um quadrinho do nosso tempo. "Essa história — diz ainda Nilson, no prefácio — incomoda porque é uma vomitada". Esperem. E ver pra crer. É o contra-ataque apresentando "RETRATO FALADO", do LOR.



O impacto da Revolução Cubana só pode ser comparado, neste século, como o das revoluções russa e chinesa.

Em primeiro lugar, a vitória do Movimento 26 de Julho transformou qualitativamente a estrutura sócio-econômica do país, expulsando a velha classe dominante e trazendo o fim de todas as formas imperialistas de exploração e opressão.

Em segundo lugar, a simples existência do Estado cubano implicou e continua implicando um virtual enfraquecimento do imperialismo nessa parte do mundo.

Finalmente, e apesar das dificuldades, Cuba teve um crescimento econômico e cultural sem equivalência entre os outros países subdesenvolvidos que permaneceram dentro da esfera capitalista.

Economia: estrangulamentos e tensões

Mas apesar do enorme sucesso econômico que Cuba significa, ainda persiste a meu ver um problema fundamental: a condição de país basicamente exportador de açúcar.

Apesar do sucesso na exportação de níquel, fumo e peixe, o açúcar continua responsável por 80% das exportações, sendo 90% da sua produção destinada a esse fim.

Especialmente nos últimos cinco anos, o preço do açúcar no mercado mundial tem flutuado drasticamente, o que, numa economia colonial ou semicolonial de "livre mercado", teria causado problemas econômicos e sociais bastante sensíveis.

Na indústria da construção civil, por exemplo, verifica-se que a necessidade atual de cem mil casas por ano só será alcançada pela produção em 1985.

As instituições da democracia cubana

Em 1976 começaram a ser implantadas as estruturas institucionais propostas pela nova Constituição. Pode-se assim fazer uma avaliação, ainda que precária, de como esses elementos (assembleias municipais e provinciais e uma assembleia estadual eleita pelas assembleias municipais), funcionaram.

A Assembleia Nacional é o nível institucional mais elevado e seus membros podem ser reconvocados como delegados às outras assembleias. Em 1977 realizaram-se duas sessões, durante três dias cada, lidando com um grande número de problemas.

Table with 2 columns: Year and Number of students. Rows for Ensino Secundário (1959, 1978) and Ensino Universitário (1958, 1978).

sorado por um corpo administrativo que inclui a liderança sindical.

A participação dos trabalhadores nas discussões dos planos, na análise dos resultados e no uso dos fundos para prover incentivos materiais é garantida por diversas formas e maneiras.

Um dos aspectos das diretrizes adotadas em 1970 foi o uso generalizado de um sistema de normas de produção, sendo também dada prioridade aos incentivos materiais.

As normas não foram refeitas, permanecendo desiguais. Na agricultura, por exemplo, elas são bastante suaves e em outros setores são bastante pesadas.

Já lembramos a posição crítica do açúcar na economia cubana, por outro lado a agricultura está chegando a um ponto de saturação estrutural.

Os dirigentes estão procurando uma solução para as múltiplas tensões acima mencionadas e para os problemas do crescimento econômico em geral, enfatizando a necessidade do incremento da produção.

Num congresso recente dos sindicatos, ficou clara a necessidade da atual geração dedicar-se ao desenvolvimento em troca de modestas melhorias em seu padrão de vida.

Mais ainda: a ideologia e a prática sindical não é idêntica aos Estados operários já degenerados e deformados. Como mostramos, existe uma combinação de concepções e métodos envolvendo diferença de ênfase, senão de interpretação, e, portanto, uma prática mais aberta.

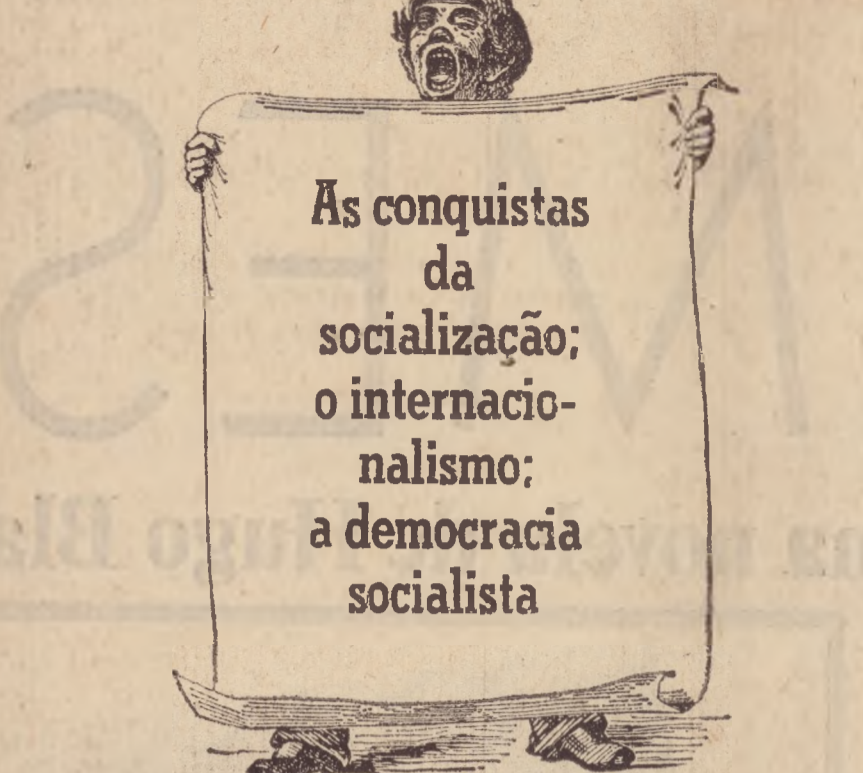
Como resultado, existem em Cuba formas de "democracia horizontal", que, ou não mais existem nos outros Estados, ou existem apenas em algumas conjunturas ou setores.

Cuba, duas décadas depois

Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros:

Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros: Um socialismo diferente dos outros:

Table with 2 columns: Item and Percentage. Rows for Crescimento da Produção (1958-1977) and 1962-1977.



Cuba, duas décadas depois

No momento em que todos se voltam para a Nicarágua, um balanço da Revolução Cubana redobra de importância e atualidade.

É o que a direita mais teme: que a Nicarágua aponte para o rumo cubano. No entanto, um balanço da primeira experiência socialista da América Latina indica que se por um lado ela contém desvios que não a tornam exemplo de uma autêntica democracia socialista, por outro, não pode nem de longe ser comparada com a degenerescência burocrática dos demais Estados Operários.

Por Livio Maitan



comentou o incidente favoravelmente. De qualquer modo, podemos concluir, que a institucionalização não levou a uma rigidez burocrática tão grande como as "Assembleias" da URSS ou da Bulgária.

Table with 2 columns: Item and Percentage. Rows for Crescimento da Produção (1958-1977) and 1962-1977.

Table with 2 columns: Item and Percentage. Rows for Educação (1958-1978) and other statistics.

A inspiração internacionalista

Em relação à política externa cubana, alguns aspectos merecem ser destacados. O próprio Castro, em 1972, deu uma clara explicação de suas modificações.

É certo que a necessidade de dar uma dimensão internacional à construção do socialismo tem sido afirmada a nível teórico pelos escritos dos dirigentes cubanos, e acima de tudo, as iniciativas concretas de Cuba, nos últimos quatro ou cinco anos foram motivadas por uma concepção internacionalista da luta contra o imperialismo.

1) A política externa cubana acompanha a soviética em todas as questões fundamentais. Além disso, a União Soviética e seus aliados têm sido glorificados em termos extravagantes e enaltecidos enquanto padrão de internacionalismo e democracia socialista.

2) Os líderes cubanos renunciaram a qualquer crítica aos partidos comunistas latino-americanos cuja concepção tático-estratégica é apresentada favoravelmente. Essa atitude geral inclui ainda a aceitação pelo PC cubano da política de colaboração com setores da burguesia considerados nacionalistas e com governos que reflitam esses interesses.

A intervenção cubana na África

3) Nos anos 60 a liderança cubana se posicionava criticamente em relação ao conflito soviético, argumentando que ele tinha um efeito negativo sobre a luta anti-imperialista por causa de sua dinâmica e das formas que assumia principalmente na luta dos vietnamitas.

4) A liderança cubana não apenas mantém relações cordiais com os países capitalistas da Europa Ocidental como também costuma elogiar desproporcionadamente alguns de seus representantes, como o fez recentemente com Adolfo Suarez da Espanha.

Mas vamos nos deter um pouco sobre as diretrizes políticas de Cuba

na África. O fato dos cubanos apresentarem como socialistas ou como "trabalhando pelo socialismo" não apenas a Argélia, Moçambique, Angola e Etiópia, mas também Benin e Guiné, é grave.

Repto que a intervenção cubana na guerra em Angola foi progressista e motivada por um impulso internacionalista. Mas o mesmo não pode ser dito da permanência das tropas cubanas em Angola atualmente.

E portanto, sejam quais forem as intenções subjetivas dos líderes — o contingente cubano está ajudando a construção ou a consolidação de um regime neo-colonialista.

A Etiópia se aplicam considerações similares. Aos cubanos fica o crédito por terem feito uma intervenção com pesados sacrifícios para apoiar a luta de um país neo-colonialista contra as investidas diretas e indiretas do imperialismo.

mas não querem pertencer ao Estado etíope e pretendem a independência, a posição cubana reforça o regime de Adis Abeba.

A questão que comumente se levanta de se nesse caso Cuba está apenas fazendo a política de Moscou, é deste ponto de vista, relativamente sem importância. É mesmo possível que as decisões de Cuba tenham sido tomadas independentemente da URSS.

Mas não podemos esquecer a importância da amizade não são mera retórica mas o reflexo de uma situação real.

O grau de burocratização

A questão mais importante a ser assinalada ao se comparar Cuba com os demais Estados Operários é que também ela se caracteriza pela ausência de instituições da democracia socialista.

As principais decisões permanecem como prerrogativas de lideranças restritas que dominam o Estado e o Partido. Também em Cuba, como nos demais Estados Operários, se teoriza sobre a prática do partido único e de seu papel preponderante em relação às organizações de massa e às estruturas políticas e sociais.

Além disso, e malgrado as diferenças, a construção do socialismo é concebida, também pelos dirigentes cubanos dentro do quadro de referência do Estado Nacional.

Alguns poderão tentar refutar estas afirmações rememorando as origens da Revolução Cubana, a liderança de Castro e as intenções subjetivas da liderança até o presente.

Por último, apesar de seu alinhamento com Moscou e um número dado de posições adotadas na última década, a liderança cubana não tem se mostrado insensível a lutas internacionais. Cuba nunca foi culpada por algum crime de traição que se possa comparar aos cometidos por outras lideranças de Estados operários.



